

OS INTELLECTUAIS E A ESPANHA JULIÁN CARRÓN

Presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação desde 2005, este teólogo da Estremadura que se mudou para Milão não se contenta em reduzir o mal-estar que se instalou na vida dos europeus a uma questão econômica. “O que está em risco hoje – escreveu em *A beleza desarmada* (Cia. Ilimitada, 2016) – é justamente o homem, sua razão, sua liberdade, mesmo a liberdade de ter uma razão crítica.”

“É a destruição do humano o que está na origem da crise atual”

por Fernando Palmero
Fotos de Javi Martínez

Julián Carrón concorda com as afirmações de Bento XVI sobre a origem cristã dos valores a partir dos quais, do Iluminismo em diante, tomou forma a civilização europeia. E também com o diagnóstico de sua ruína num momento em que a chave da condição humana no Ocidente é o “colapso das evidências sobre as quais, durante séculos, se fundou a nossa convivência”. A busca de uma “certeza tão reconfortante que pudesse permanecer incontestada para além de todas as diferenças falhou”, constatava em 2005, em Subiaco, o então cardeal Ratzinger. “Nem o esforço, verdadeiramente grandioso, de Kant foi capaz de criar a necessária certeza partilhada. [...] A tentativa, levada ao extremo, de modelar as coisas humanas prescindindo completamente de Deus conduz-nos cada vez mais para a beira do abismo, para o total abandono do homem”, concluía. “Assiste-se assim – comenta Carrón em *A beleza desarmada*, uma obra carregada de erudição e reflexão ética que indaga as raízes da crise atual – a uma singular e significativa inversão: aquela separação radical da filosofia iluminista em relação às suas raízes cristãs, que devia garantir uma plena e autônoma afirmação do homem, ‘torna-se, em última análise, um prescindir do homem’”.

Pergunta: *Em seu livro, o senhor insiste em que as causas desta crise não são apenas econômicas.*

Resposta: Nas últimas décadas atravessamos outras crises econômicas, e elas não nos trouxeram a esta tentativa de nos fechar em nós mesmos. Reduzir tudo a razões econômicas é simplista demais. Estamos diante de uma crise mais profunda. O Papa fala de uma mudança de época, porque nos últimos séculos não houve mudanças tão profundas assim. Os valores nos quais está fundado o mundo ocidental, a liberdade, o progresso, a liberdade de consciência, a possibilidade que cada um tem de poder decidir seu próprio destino, a solidariedade, a fraternidade... começam a não ser evidentes, e o problema é saber o que temos hoje em comum, sobre que bases podemos fundar a nossa convivência na Europa e no mundo.

P: *No primeiro turno das eleições francesas, 50% dos eleitores votaram por posições antissistema e, no segundo turno, 35% defenderam a posição xenófoba de Marine Le Pen; é um sintoma?*

R: Há não mais que cinco anos, ninguém poderia imaginar este resultado. O que aconteceu na França é uma reação ditada pelo medo, os que votaram em Le Pen consideram que desta maneira se pode defender melhor “o nosso”, como se a solução fosse criar novos muros defensivos em vez de refletir sobre o que nos trouxe a esta situação. Como dizia Bauman, o que parecia um pilar que nunca poderia ruir, a democracia, começou a ser posta em causa.

P: *A que se deve esta deriva nacionalista que sofremos também aqui, e que põe em discussão a União Europeia?*

R: A origem é a mesma. Os problemas que estamos enfrentando são de natureza tal, que unicamente enfrentando-os juntos poderemos resolvê-los. Todos sabemos que certas coisas da

União Europeia não funcionaram como desejávamos, seria um erro não reconhecer isto. Mas não me parece que nos isolarmos seja a solução, num contexto histórico tão globalizado creio que isto seja uma ingenuidade. Como diz Hannah Arendt, as crises são úteis porque nos fazem voltar às perguntas que nos desafiam, e já não podemos dar respostas pré-fabricadas. Uma crise é uma oportunidade para criar espaços de diálogo e estabelecer lugares para nos ouvirmos, e não para fazer prevalecer a nossa presunção.

P: *O terrorismo islâmico contribuiu para o enfraquecimento do projeto europeu?*

R: Oliver Roy, na França, deu uma interpretação que leva em conta a raiz última desse tipo de terrorismo. Pensamos no terrorista como se fosse um muçulmano radical, mas na maior parte das vezes se trata de um imigrante de segunda geração, não necessariamente observante dos preceitos do Islã, que esteve preso e sofreu uma radicalização imprevista. São pessoas com problemas, delinquentes que se tornaram muçulmanos e encontraram uma justificativa para problemas que já tinham anteriormente. Mas é a ausência de uma razão última para viver o que leva muitas pessoas a optar por posições violentas, porque é a destruição do humano o que está na origem da crise atual. Podem ser pessoas que acabaram de chegar, ou de segunda geração, que não se adaptam, como muitos filhos das nossas famílias. Por isso, ainda que os expulsássemos a todos, não resolveríamos nada, porque não são eles que criam o problema, eles tornam evidente o problema que nós já tínhamos antes.

P: *Há quem pense que para lutar contra o jihadismo seja necessário um rearmamento moral do Ocidente. O senhor, no entanto, propõe “a beleza desarmada”: não será algo de ingenuamente utópico?*

R: O rearmamento moral é uma nova forma de imposição. Quando uma criança vai à escola com uma barra de ferro na mochila, a única forma de fazê-lo abandonar seus instintos agressivos é desafiá-lo com uma forma de vida que o seduza e seja mais atraente do que a violência. Este é o único rearmamento moral que desarma. Não acredito em alternativas. As outras relações são de poder. Há duas escolhas possíveis: ou criamos estados policiais, e para defendê-los viveremos sempre num regime de medo dos outros, ou estados abertos nos quais haja espaços para descobrir aquilo por que vale a pena viver.

P: *Mas há também razões internacionais, como a guerra entre sunitas e xiitas.*

R: Sim, mas temos de levar em conta que as grandes mudanças que produzidas no Oriente Médio foram provocadas por guerras importadas do exterior. Não queremos dizer que Saddam Hussein era um santo, mas, depois de tudo o que aconteceu, os iraquianos não ficaram melhor. E é certo que isso pode oferecer a alguns uma justificativa para usar a religião como ratificação da violência, para poder justificar o que é injustificável.

P: *O fato de o Islã não ter vivido um Iluminismo, como aconteceu com o cristianismo, não torna difícil aos países árabes ter acesso à democracia?*

R: Talvez sim, e isso nos faz perceber a ingenuidade de quem pretende exportar a democracia, que é um valor ocidental e foi o resultado de um processo muito longo de construção social, cultural e humana. Bento XVI reconheceu que, quando o Cristianismo se tornou religião de Estado, foi o Iluminismo que nos lembrou a nós, cristãos, que o papel da religião tinha sido distorcido. E este percurso tem de ser feito por todas as religiões e todas as culturas, para que cada pessoa, independentemente de suas crenças, possa ter acesso à verdade sem nenhum tipo de coação. Como dizia Charles Péguy, a quem poderia interessar uma verdade que não fosse aceita livremente?

P: *Por que o cristianismo, ou mais concretamente a Igreja, gera em certos setores da sociedade um repúdio tão grande?*

R: Esta é uma pergunta que nós, cristãos, nos devemos fazer, como nos lembrava T. S. Eliot: foi a Igreja quem abandonou a humanidade, ou foi a humanidade quem abandonou a Igreja? É o grande desafio ao qual procurou responder o Concílio Vaticano II, que com o decreto sobre a liberdade religiosa, entre outros, aprofundou a natureza da verdade, a natureza da fé cristã, que não precisa de outra força senão a evidência da beleza. Se não for assim, se o cristianismo se converter num conjunto de hábitos e comportamentos em que não se sente a necessidade de desafiar o outro com a beleza de algo que o atraia, o cristianismo não terá nenhuma perspectiva.

P: *[Em nosso país], a Igreja também é acusada, desde a Transição, de gozar de privilégios. O senhor acredita que seja assim?*

R: Não sou historiador e era jovem naquela época, mas é óbvio que sem a mudança que se verificou na Igreja com o Concílio Vaticano II teria sido mais difícil uma Transição pacífica, que foi uma tentativa por parte de todos de reconhecer que não podíamos viver sem os outros. Quando se perde isto de vista, e presunçosamente achamos que podemos viver sem os outros, tudo se radicaliza. A Igreja não quer nenhum privilégio, só pede um espaço para poder dar a contribuição que, como qualquer outra realidade presente no âmbito social, cultural, trabalhista, etc., pode oferecer. Não tem outro interesse senão defender isto.

P: *Como pensa que o Governo de Rajoy lidou com a herança legislativa em relação a questões como o aborto, a eutanásia ou o casamento homossexual?*

R: Nesse tipo de problema a legislação é o último ponto. A questão não é impor uma ou outra posição, mas é o que torna possível poderem ser novamente reconhecidos como válidos alguns valores que para os outros não o são. A Igreja considera que a vida se viva melhor vivendo-a em relação com os outros, que as crianças cresçam melhor no seio de uma família que funciona, que as pessoas vivam melhor no casamento do que se se divorciarem, mas tudo isto não se pode impor por decreto. Pensamos que para gozar da liberdade bastaria não ter vínculos de nenhum tipo, mas chega um momento em que a pessoa se pergunta: para que é que tenho a liberdade? Não é um problema legislativo, a lei é consequência de algo que antes é necessário construir, para que possa ser reconhecido por todos. Quando as leis dão um passo atrás – no trabalho, na defesa da mulher, da vida ou da ecologia – o que vemos são as consequências. Por exemplo, ninguém nos obriga a fazer uma lei diferente para defender a natureza, o que significa que este valor ainda não desmoronou, e isto se reflete também no plano legal. O desafio é evitar, como diz o Papa, que prevaleça a ideologia de descartar tudo o que não nos serve, de tratar as pessoas como algo para usar e jogar fora.

P: *Perdeu-se o valor da vida humana?*

R: Demos por óbvio que a vida tem valor por si mesma, mas não basta a vida; a vida tem valor se tiver um significado, se houver algo que a torne digna de ser vivida. A vida tem de me apaixonar, porque isso é o que facilita que eu me abra a um horizonte mais amplo e comece a sentir o outro não como um adversário ou como alguém que limita a minha liberdade, mas sim como alguém que a alarga.

P: *Que responsabilidade tem aqui a educação?*

R: Quanto mais temos os dados à disposição, mais fica evidente que estamos perante uma emergência educacional. Antes um professor tinha à frente alunos dispostos a aprender. Hoje não, hoje ele tem de suscitar o interesse por aquilo que explica para poder ter uma incidência sobre a pessoa, e para que, oferecendo-lhe um percurso humano, um caminho de conhecimento, um caminho de uso da razão, uma educação para a liberdade, se possa gerar um sujeito que, por sua vez, dê forma à sociedade em que vivemos. Muitas vezes, o problema da educação é o problema do adulto, não apenas das crianças. Para muitos pais, o único princípio é que seus filhos não tenham de passar pelas dificuldades que eles passaram. Mas se lhes tirarmos aqueles fatores que fazem a pessoa crescer, em vez de acompanhá-los e de ajudá-los a crescer superando-os, vamos criar eternas

crianças. Por outro lado, hoje a educação consiste em dar aos alunos uma série de instrumentos técnicos para que possam se virar, porque já não está na moda dar-lhes uma formação filosófica ou antropológica. E esta é a razão por que estamos indefesos diante das *fake news*. É como se o coração do homem já não fosse capaz de distinguir a verdade. Por isso cumpre pôr a pessoa no centro, para ensiná-la a olhar o mundo com seus próprios olhos, a pensar com sua própria cabeça, desenvolvendo um espírito crítico que torne o eu mais protagonista e menos espectador, mais líder e menos seguidor, mais cidadão e menos súdito.

P: *É necessária a autoridade na educação?*

R: Etimologicamente, autoridade significa alguém que me faz crescer. Quem é que não tem presente na sua vida pessoas, professores ou amigos assim? Isto é a autoridade, a testemunha que te diz: “Veja como se pode viver a vida”, alguém que não te impõe de forma autoritária uma visão das coisas, mas que te desafia simplesmente vivendo.

P: *Na situação atual do País Basco, é preciso antepor o esquecimento à justiça para reaprender a caminhar?*

R: A justiça não pode deixar de cumprir sua função em relação aos que cometeram delitos de sangue. No entanto, eles podem cumprir toda a sua pena e não reconhecer o mal feito. E nós podemos nos sentir frustrados, porque as vítimas nunca vão recuperar seus entes queridos. Estamos diante de um problema mais profundo. Se não existe um além, a justiça é uma palavra vazia. O cristianismo conseguiu que o além se fizesse presença na história. Jesus, dando a vida pelos homens, desafiou a espiral de violência da qual não conseguimos sair. E sem esta misericórdia não encontrarão a paz, nem um nem outro. Quando as pessoas se abrem a este processo, começa a acontecer um fato que muda, em primeiro lugar, as próprias pessoas. Se na vida não acontece nada que prevaleça no presente sobre todo os erros do passado, não há nada que fazer.